CHAMAMENTO E DESTINATÁRIO: O VOCATIVO NA INTERFACE SINTÁTICO-PRAGMÁTICA

Juliana Costa Moreira¹

Resumo: Neste artigo, analisamos construções com vocativos nas posições inicial e final da sentença. Pretendemos verificar o escopo da hipótese de Hill (2007, 2014), segundo a qual a depender da posição do vocativo na estrutura sintática, este constituinte pode exercer diferentes funções pragmáticas. Para tanto, consideramos dados do português contemporâneo, como a construção com a partícula “pá”, a forma reduzida do vocativo “rapaz”, que ocorre no português europeu falado.

Palavras-Chave: Vocativo, posição sintática, função pragmática, português europeu.

Abstract: In this article, we analyze constructions containing a vocative either in initial or in final position of the clause. We intend to verify the scope of Hill's (2007, 2014) hypothesis, according to which the vocative, it may play different pragmatic functions, depending on its position in syntactic structure. To do so, we consider data from Contemporary Portuguese, such as the construction with the particle “pá”, the reduced form of the vocative “rapaz”, which occurs in spoken European Portuguese.

Keywords: Vocative, syntactic position, pragmatic function, European Portuguese.

1 Introdução²

Segundo Moreira (2008; 2013); Carvalho (2013) e Abalada; Cabrão; Cardoso (2011), o vocativo pode ocorrer em três posições na oração, as quais são exemplificadas a seguir (exemplos de MOREIRA, 2008, p.13):

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: moreira.julianac@gmail.com.

² Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da bolsa de doutorado atribuída pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC). Portanto, as ideias apresentadas ao longo do texto foram discutidas na tese intitulada “O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no Português Brasileiro”. Agradeço à Prof.^a Dr.^a Ana Maria Martins pela orientação e pelas valiosas sugestões que foram importantes para o desenvolvimento do artigo.

(1) Emília, há muito tempo que observo este teu padraço.

[Voc + Or]

(2) Hoje não é dia de falar de coisas tristes, Vado.

[Or + Voc]

(3) Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.

[Or + Voc + Or]

Observe-se que, em (1), o termo “Emília”, vocativo, aparece à esquerda da oração. Em (2), o vocativo “Vado” aparece à direita da oração. Já em (3), o vocativo “senhores” aparece dentro do enunciado, ocorrendo entre pausas.

Neste artigo, propomos analisar construções contendo vocativos do português contemporâneo. Mais especificamente, analisamos dados em que este constituinte se situa em posição inicial ou final. O nosso objetivo é o de verificar o alcance da hipótese de Hill (2014) de que os vocativos podem ser classificados em dois tipos, considerando-se a função pragmática e a posição sintática. Analisamos, ainda, construções com a partícula “pá”, forma reduzida do vocativo “rapaz”, característica da fala do português europeu. Segundo Marques (1993), a redução da forma “pá” deveu-se à alta frequência do seu uso enquanto vocativo.

No que diz respeito ao quadro teórico, adotamos a proposta de Hill (2007; 2014) para a posição do vocativo na estrutura sintática, a qual será apresentada na próxima seção. Segundo a autora, o vocativo pode desempenhar funções pragmáticas diferentes, a depender da posição sintática. Em termos gerais, se o vocativo se situa em posição inicial, exerce função de chamamento, enquanto que, ao exercer função de destinatário, pode ocorrer em outras posições da sentença. Dessa forma, partimos da hipótese de que, no português contempo-

râneo, o vocativo pode ser interpretado como chamamento (“call”) ou destinatário (“address”), conforme a posição na oração, como nos exemplos a seguir:³

(4)	a. Maria, tira a roupa do varal.	Chamamento
	b. Tira a roupa do varal, Maria.	Destinatário

É atribuída ao vocativo “Maria”, em posição inicial, em (1a), a leitura de chamamento ou interpelação, porém esta mesma leitura não pode ser atribuída aos vocativos em posição não final, como em (1b). A interpretação que é atribuída a estes últimos é a de destinatário.

Este artigo está organizado do seguinte modo: na próxima seção, apresentamos o enquadramento teórico; na seção 3, apresentamos a nossa análise de construções contendo vocativo ou a partícula vocativa *pá* no Português Europeu e, por último, apresentamos algumas considerações.

2 A interface pragmática-sintaxe

Com base em Speas; Tenny (2003), Hill (2007; 2014) considera que constituintes que manifestam o ponto de vista, a opinião do falante e constituintes que representam o ouvinte são situados na interface entre a sintaxe e a pragmática, em uma projeção denominada Speech Act Phrase (SAP).⁴

³ Além de dados de intuição e dos juízos de falantes nativos, os exemplos utilizados ao longo deste artigo são provenientes de mídias televisivas e de conversas informais.

⁴ De acordo com Hill (2007, 2014), esta projeção se assemelha à concha (vP/VP) que representa sintaticamente as construções bitransitivas (e.g. *I gave the book to Mary*), como consta em Larson (1988). Embora seja feita a comparação com a concha larsoniana, nesta configuração não são utilizadas letras minúsculas ao representar a área de ouvinte (SAP), que corresponde a vP na concha larsoniana.

A projeção SAP é localizada acima de ForceP, projeção mais alta do domínio CP (RIZZI, 1997; 2004), como expresso em (5) (HILL, 2014, P.147):⁵

(5)

Hill (2007) propõe que os vocativos são situados em uma categoria SAhP, na área de ouvinte. As interjeições, por sua vez, são situadas na área de falante, mais especificamente em uma categoria que a autora denomina SAs.

O núcleo SAh⁰ da área de ouvinte está associado a traços que qualificam o ato de fala: (i) traço [atenção] e (ii) traço [evidencialidade].⁶ Observe-se, ainda, a ocorrência da partícula *hai*, nesse núcleo, correspondente ao traço [V] realizado lexicalmente no romeno. Esse traço seleciona um enunciado, ou seja, ForceP, e se relaciona com as

⁵ Hill (2007, 2014) propõe esta configuração ao analisar dados do romeno, do búlgaro e do umbundu.

⁶ Conforme Chafe; Nichols (1986), uma categoria gramatical que codifica evidencialidade indica a fonte de informação na qual o falante baseia uma afirmação. Tipologicamente, a evidencialidade é uma categoria relativamente rara e tende a ocorrer em poucas regiões geográficas. Segundo Aikhenvald; Dixon (1998) e Epps (2005), a Amazônia é uma região de grande concentração de línguas com sistemas de evidencialidade, que são encontrados em línguas das famílias Arawak, Carib, Chibcha, Nambiquara, Pano, Quechua, Tukano, Tupí-Guaraní, Vaupés-Japurá (Makú), Witoto, Yanomami e Záparo, além de línguas isoladas como Andoke e Paez. Dessas, as línguas da família Tukano, e especialmente as do ramo oriental, exibem sistemas de marcação de evidencialidade complexos.

projeções C/T/V. Assim, compreendemos o fato de o vocativo poder apresentar os mesmos traços *phi* de um constituinte argumental, isto é, a possível relação de SAhP com um constituinte argumental.

Segundo Hill (2007), a partícula *hai* apresenta uma terminação morfológica que pode variar de acordo com o tipo sentencial, a saber, a forma *haideti*, utilizada no modo imperativo, e a forma *haidem*, que ocorre no modo subjuntivo. É, assim, também evidente que há uma relação entre o traço do ato de fala com a categoria ForceP, categoria do domínio de CP, na qual é codificado o tipo sentencial.

Seguindo uma linha de raciocínio cartográfica, consideramos a existência da categoria VocP, situada no especificador de SAhP e, equiparadamente, consideramos que as interjeições podem ser representadas por uma categoria IntP (“interjection phrase”).⁷ É o que demonstramos a seguir:⁸

(6)

Pressupõe-se que existe uma hierarquia para a atribuição de Caso e papel temático/pragmático no domínio de SAP, tal qual ocorre

⁷ Neste artigo, não exploraremos a estrutura interna dessa categoria, uma vez que não está dentre os nossos objetivos.

⁸ Na configuração em (6), SAsP, representa a projeção de falante, ao passo que SAPH, representa a projeção de ouvinte. Acrescente-se que optamos por utilizar minúsculas ao representar a área de ouvinte (sap), uma vez que essa estrutura é comparada à concha larsoniana (v/VP).

na concha larsoniana: (i) o Caso Exclamativo e o papel pragmático “falante” são atribuídos ao constituinte que ocupa a posição de argumento mais alta, geralmente uma interjeição, e (ii) o Caso Vocativo e o papel pragmático “ouvinte” são atribuídos ao constituinte que esteja situado na posição intermediária de argumento, podendo ou não envolver uma marca morfológica. Ressalte-se que o fato de haver desinências casuais visíveis não implica dizer que, na sua ausência, não existe a noção de Caso.⁹

Além das posições argumentais, Hill (2014) estipula a existência de uma categoria discursiva no domínio de SAP, como ilustrado a seguir: (HILL, 2014, p.171):

(7)

Em (7), SAh seleciona ForceP como objeto direto e o vocativo como objeto. Observe-se a existência de uma categoria discursiva sah, localizada na projeção mais alta da área de ouvinte, a qual é li-

⁹ Consoante Chomsky (1980), todos os NPs foneticamente realizados precisam receber Caso abstrato na sintaxe, o qual pode ou não receber manifestação fonológica, o que dependerá das propriedades morfossintáticas das línguas particulares. Assim sendo, é imprescindível que ocorra a atribuição de Caso ao DP e, conseqüentemente, o reconhecimento da função sintática.

cenciada pela presença de um traço discursivo, a saber, o traço [ênfase] — ou, nos termos da autora, [emphatic]. Este traço alça ForceP para o especificador de sahP, movimento esse que gera uma alteração na interpretação da sentença, uma vez que o vocativo, que representa o ouvinte, passa a desempenhar a função pragmática de destinatário, ao invés de chamamento.

Continuando o mapeamento da interface sintaxe-pragmática, utilizando-se de dados do flamengo ocidental, Hill (2014) investigou o comportamento sintático de partículas vocativas, *zé* e *zè*. Estas partículas são derivadas do verbo *zien* (“ver”). De acordo com Hill (2014), a partícula *zé*, pronunciada com entonação mais forte, geralmente ocorre em posição inicial (exemplo de HILL, 2014, p. 176):

- (8) *Zé*, Valère is doa!
 Zé Valère está ali
 ‘Veja, Valère está ali!’

Por sua vez, *zè* é pronunciado com entonação mais fraca e ocorre em posição final, como no seguinte exemplo de Hill (2014, p. 176):

- (9) Valère is doa *zè*
 Valère está ali *zè*
 ‘Valère está ali, como você pode ver.’

A partir dessa descrição, autora postula a existência de um outro traço no núcleo de sahP, o traço [atenção], que é verificado por meio do movimento da partícula, como se pode observar na configuração abaixo (HILL, 2014, p.179):

(10)

Na configuração acima, o movimento núcleo a núcleo da partícula *zè* é desencadeado pelo traço [atenção] do núcleo de *sahP*. Há também o movimento de *ForceP* para o especificador dessa categoria devido à atuação do traço [ênfase]. Portanto, em (10), o constituinte que se move para o especificador de *sahP* é alvo do traço [ênfase], mas não do traço [atenção]. O último é verificado pela partícula *zè* a partir do movimento núcleo a núcleo. No entanto, a partícula requer o movimento de um XP para o especificador de *sahP*.¹⁰

3 Os vocativos em português

3.1 Evidência geral para as categorias chamamento e destinatário

Hill (2007) baseia-se em trabalho anterior de Osenova; Simov (2002), que distinguem intuitivamente dois tipos de vocativos: chamamento (*call*) e destinatário (*addressee*). Carvalho (2013), que estuda o vocativo em português europeu, também descreve as funções de chamamento e destinatário, embora não utilize estes termos.

¹⁰ Hill (2014) ressalta que o romeno e o flamengo ocidental exibem as mesmas possibilidades para relacionar a distribuição e a interpretação na estrutura de *SAhP*, uma vez que o traço [atenção] está associado à posição inicial.

De acordo com a autora, o vocativo inicial serve ao propósito de estabelecer contato com o interlocutor. Neste sentido, presume-se que é utilizado como um convite ao ouvinte para participar da situação comunicativa e tornar-se um destinatário possível. A utilização de um nome ou sobrenome é muito apropriada para a função de estabelecer contato com o interlocutor, uma vez que aponta para um indivíduo particular. A entoação e o fato de, geralmente, ocorrer em uma posição inicial também caracterizam o vocativo inicial. Utiliza-se também esse elemento quando o interlocutor está fora das coordenadas espaciais do falante. Neste caso, o objetivo do falante pode ser o de localizar o interlocutor.

Em seguida, Carvalho (2013) caracteriza o destinatário, utilizado para manter o contato e reforçá-lo, para evitar que o interlocutor se afaste. Quando a relação interlocutiva inclui mais do que um interlocutor, a utilização do vocativo com essa função dirige as instruções para um interlocutor específico, de maneira que desse forma ele seleciona o interlocutor de quem uma resposta é esperada.

Tomando como base o que foi dito por Carvalho (2013) sobre as funções do vocativo a partir de dados do português europeu, confirma-se a proposta de Hill (2007) de que o chamamento serve para estabelecer contato com o interlocutor e, geralmente, situa-se em posição inicial; é pronunciado com ênfase, de modo que apresenta uma entonação característica. Por outro lado, o vocativo como destinatário é utilizado para manter ou reforçar o contato já estabelecido ou, ainda, para direcionar uma informação para um ouvinte específico, dentre outros interlocutores ou possíveis interlocutores.

Hill (2014) considera que a propriedade de chamamento depende da entonação, apesar de não abordar no seu estudo a prosódia dos vocativos. Nesta perspectiva, a mesma sequência pronunciada

com um tom mais baixo pode modificar a entonação, de modo que se aproxime da pronúncia de um vocativo que exerce a função de destinatário.

Magalhães; Moreira (2017), ao realizar um estudo quantitativo do vocativo em cartas de sociedade, observam também que o vocativo é um elemento da escrita que carrega consigo uma marcação prosódica mais destacada, mais perceptível.¹¹ Utilizando o gênero carta para a constituição da amostra e para a análise prosódica, foi possível quantificar e mostrar a distinção das indicações de chamamento e destinatários. Ao realizar testes de leitura, os autores evidenciaram que a prosódia é diferente conforme a posição do vocativo na sentença ou, se o vocativo estiver isolado, precedido ou não por interjeição.¹² Há, portanto, uma relação entre a caracterização prosódica, a estrutura sintática e as diferentes funções pragmáticas do vocativo. Essa constatação está em conformidade com a hipótese de que há dois tipos diferentes de vocativos, a saber, os chamamentos e os destinatários.

3.2 Evidência advinda da interação com as interjeições

Moro (2003) considera que, na investigação da posição ocupa-

¹¹ Tais conclusões foram obtidas a partir da análise de cartas do projeto *Cartas ao Papai Noel: a escrita em Minas Gerais*, coordenado pelo Prof. Dr. Lorenzo Vitral. O corpus deriva da prática de todos os anos, os Correios e Telégrafos receberem, na época do natal, cartas endereçadas ao Papai Noel, escritas e postadas por estudantes do ensino fundamental, com o auxílio das escolas e dos professores. Parte das cartas, no entanto, nomeadas de cartas da sociedade – cerca de 10 mil em 2011 – não atendeu aos critérios do programa, que aceitava apenas cartas de crianças de até 10 anos e que tivessem sido encaminhadas pelas escolas. Porém, a partir de 2012, as “cartas de sociedade” puderam participar da distribuição dos presentes da mesma maneira que aquelas produzidas no âmbito escolar. O fato de essas “cartas da sociedade” não passarem pela chancela da escola e de serem escritas não apenas por crianças, mas também por jovens e adultos, leva-nos a conjecturar que pelo menos parte das cartas apresente escrita espontânea, o que é também favorecido pelo fato de elas expressarem os desejos ou sonhos dos missivistas, e com potencial para retratar o emprego da modalidade escrita de maneira ampla.

¹² Como observam os autores, o gênero carta conta com vocativos isolados que figuram em seu topo. Estes vocativos exercem função de chamamento e podem ou não ser precedidos por partículas de chamamento.

da pelo vocativo na configuração sintática, é importante explorar a distribuição das interjeições que podem precedê-lo, uma vez que podem funcionar como marcadores de Caso Vocativo. Investigamos, portanto, o comportamento sintático das interjeições que podem preceder os vocativos, pois consideramos a hipótese de que podem trazer pistas sobre a distinção entre tipos de vocativos.

Os vocativos podem ser precedidos por interjeições quando em posição inicial:

- (11) a. Ah, Pedro, não quero ir agora.
b. *Não quero ir agora, ah, Pedro.
c. Não quero ir agora, Pedro.

- (12) a. Olá, Maria, está tudo bem?
b. *Está tudo bem, olá, Maria?
c. Está tudo bem, Maria?

Na configuração proposta por Hill (2014), as interjeições situam-se em SAsP, na área de falante, por exprimirem informações do ponto de vista ou do comportamento deste. Por exemplo, em (11a), a interjeição *ah*, no contexto, exprime a insatisfação ou a indignação de alguém em relação a ir a algum local em um momento determinado.

Essa proposta é válida para os dados do português, pois a posição das interjeições é adjacente à posição de vocativos, quando estes constituintes se situam em posição inicial, ao desempenharem a função de chamamento.

Apresentamos, a seguir, outros exemplos de vocativos precedidos por interjeições:

- (13) Ai, Dorinha, não estou me sentindo bem.
(14) Oh, minha filha, eu já contei isso tantas vezes.
(15) Nossa, menino, que raiva que eu tive.

Como demonstrado em (11b) e (12b), ao final da oração, não é aceitável a ocorrência de uma interjeição adjacente a um vocativo. Esta é uma evidência a favor da observação de Hill (2014) de que há dois tipos de vocativos, a saber, chamamento e destinatário.

No entanto, não há propriamente incompatibilidade da ocorrência de interjeição e destinatário na mesma oração:

- (16) Ai, não estou me sentindo bem, Dorinha.
(17) Oh, eu já contei isso tantas vezes, minha filha.
(18) Nossa, que raiva que eu tive, menino.

De acordo com Ramos (2011), seguindo Brinton (1996), às interjeições pode ser atribuído o estatuto de marcador pragmático, uma vez que desempenhariam funções textuais, interpessoais e de contrato social. As funções textuais incluiriam permitir ao falante estruturar o significado como texto, criando passagens coesivas no discurso. Já as funções interpessoais dizem respeito à expressão de atitudes, de avaliações, de julgamentos, de expectativas e de demandas dos falantes. Por sua vez, a função de contrato social estabelece os papéis interacionais, de falante e de ouvinte numa interação.

É importante pontuar que as interjeições podem atuar como marcadores pragmáticos, mas especificamente dos vocativos que atuam como chamamentos. Para avaliar o alcance da constatação de que apenas os chamamentos podem ser precedidos por interjeição, na próxima seção, investigamos o comportamento sintático da partí-

cula vocativa *pá*.

3.2.1 A partícula vocativa *pá* no português europeu

Como já dito, o constituinte *pá* é a forma reduzida do vocativo *rapaz* (MARQUES, 1993; CARVALHO, 2013). Esta partícula apresenta comportamento sintático semelhante à partícula *zé* e à sua variante *zê* do Flamengo Ocidental.¹³ Similarmente, no Brasil e, mais especificamente em Minas Gerais, temos a partícula *sô*, proveniente da redução do vocativo *senhor* (MOREIRA; ALKMIM, 2013).

Segundo Marques (2013), a redução da palavra *rapaz* ter-se-ia ocorrido devido a alta frequência de seu uso como vocativo. O emprego da forma *pá* é característico do português europeu em situações informais. Há indicações de ocorrência de *pá* por falantes atualmente pertencentes a uma geração mais velha. Atualmente porém, essa forma perdeu expressão. No que se refere ao uso da partícula, não há distinção de gênero, no sentido de que seu uso é direcionado tanto para homens, quanto para mulheres. Foneticamente, a sua realização varia entre uma realização plena *pá* e uma forma abreviada que pode ser transcrita como “p” (MARQUES, 1993, p. 270).

Nos estudos realizados sobre a partícula *pá* no português europeu, não há descrições detalhadas sobre sua posição na estrutura sintática. Não obstante, Marques (1993) considera que é de grande independência a relação que *pá* estabelece com a estrutura sintática do enunciado. A partir deste ponto de vista, a autora verifica que *pá*: (i) não ocupa posição de valência ou regência relativamente ao verbo e (ii) insere-se na cadeia sintática em diversas posições. Em contrapartida, neste estudo, observamos que há sistematicidade no que diz respeito à distribuição de *pá*. Como se vê nos exemplos a seguir, a

¹³ Discorremos sobre esta partícula na seção 2.

partícula *pá* apresenta a mesma distribuição e restrições de coocorrência dos vocativos:

- (19) Ó pá, só mexo assim nuns acordizinhos.
- (20) Ó pá, tens de ver filmes portugueses.
- (21) Ó pá, ele faz de propósito.
- (22) Eh pá, mas eu já falei.
- (23) Ó pá, eu adorei.
- (24) Já apanhaste alguma ressaca de cerveja, pá?
- (25) Ele desafina quase o espectáculo todo, pá.
- (26) Eu vou cantar uma música, pá.
- (27) Foi mal, pá.
- (28) Não sei, pá.

Como os vocativos, a partícula “pá” pode ser precedida por interjeição somente quando situada em posição inicial, como se vê abaixo:

- (29) Ó pá, eu vou cantar uma música.
- (30) Ó pá, já apanhaste uma ressaca de cerveja?

Como esperado, se uma interjeição precede a partícula *pá* em posição final, a construção torna-se agramatical:

- (31) a. *Eu vou cantar uma música, ó pá.
b. *Eu vou cantar uma música, eh pá.
- (32) a. *Já apanhaste alguma ressaca de cerveja, ó pá?
b. *Já apanhaste alguma ressaca de cerveja, eh pá?

Os exemplos em (31) e (32) demonstram que a posição à esquerda do destinatário não é acessível às interjeições.

Nota-se que há uma diferença do comportamento sintático de *pá* relativamente a outros vocativos que exercem função de chamamento. Estes últimos podem exercer função de chamamento, em posição inicial, se precedidos ou não por uma interjeição. Por outro lado, não se observa a partícula *pá* em posição inicial se não precedida das interjeições *eh* ou *ó*. A ocorrência de partículas vocativas, como “*pá*”, em posição inicial, é mais restrita do que a ocorrência de vocativos nesta posição. Esse fato será analisado na subseção a seguir.

Com base nos exemplos acima, foi possível verificar, portanto, a localização das posições de chamamento e destinatário na configuração sintática, a partir desse outro tipo de evidência.

3.2.2 A interação entre vocativos e interjeições

Como visto, uma interjeição pode preceder um vocativo em posição inicial, mas não aqueles em posição não inicial. Desta observação, poderíamos depreender que a projeção de falante (SAsP) fosse incompatível com o vocativo em posição final. Entretanto, há possibilidade de ocorrência de interjeição ao início da frase, na posição de falante, com um vocativo ao final nas sentenças avaliativas, como nos exemplos de (33) a (35):

- (33) Ai, e agora, João?
- (34) Nossa, demorei demais, João!
- (35) Ah, não me digas isso, filha.

Nas construções acima, que têm caráter avaliativo, postulamos que o traço presente em SAh é [evidencialidade], conforme represen-

tado na configuração em (36), referente à sentença em (34):

(36)

Nesta configuração, o vocativo se situa em VocP, categoria que está alocada no especificador de SAhP, atendendo à exigência imposta pelo traço [evidencialidade], presente no núcleo de SAh. Observe-se o movimento da oração (ForceP) para o especificador da categoria discursiva existente à esquerda do vocativo para verificar o traço [ênfase] do núcleo de sahP. Devido a esse movimento, o vocativo é situado ao final da oração, sendo interpretado como destinatário. Observe-se que a categoria discursiva sahP para onde se move ForceP é a posição mais alta da área de ouvinte:

(37) [_{SAsP} interjeição [_{sahP} ForceP [_{SAhP} destinatário [_{ForceP}]]]]

No português, observamos também o movimento de outros constituintes, como DPs, PPs, VPs e TPs, para essa posição. No exemplo abaixo, há o movimento do DP *esse livro*, sendo a ordem de palavras a seguinte:

(40) [_{sahP} Esse livro, [_{SAhP} João, [_{ForceP} eu só encontrei na Fnac]]]

Como se vê no exemplo, o objeto *esse livro* é movido para a categoria discursiva em Spec,_{sahP}, tendo como motivação a atuação do traço [ênfase], de acordo com a análise de Hill (2014).

Uma vez que a posição de destinatário é situada no especificador de SAhP, também situada na área de ouvinte, não há possibilidade de uma interjeição ocorrer entre o tópico e o destinatário. Esta é a razão devido a qual interjeições não se situam à esquerda do destinatário, como se pode observar em (38) e (39):

(38) *Pára com isso, ai José.

(39) *Não me diga isso, ah, filha.

Há também a possibilidade de ocorrência de interjeição na posição de falante, uma partícula vocativa no núcleo de _{sahP} e o vocativo como destinatário no especificador de SAhP:

(41) Eh, pá, Maria, tenhas mais cuidado.

Em (41), na área de falante, tem-se a ocorrência da interjeição *eh*, a qual é licenciada pelo traço [atenção].¹⁴ Já na área de ouvinte, o vocativo *Maria* é situado no especificador de SAhP, ao passo que a partícula *pá* se encontra, inicialmente, no núcleo dessa categoria. O traço [atenção], também presente no núcleo de sahP desencadeia o movimento da partícula para o núcleo sah, de forma que o vocativo *Maria* passa a ser interpretado como destinatário. Para que esse movimento seja efetivado, é necessário que haja um constituinte em posição mais alta do eu sah. No caso da construção acima, o que se tem é a interjeição “eh” à esquerda de *pá*, mais especificamente, no especificador de SAsP. Não há, portanto, necessidade de preenchimento do especificador de sahP para o licenciamento da partícula.

A obrigatoriedade da presença da interjeição que licencia a partícula vocativa permite levantar a hipótese de que a forma reduzida *pá* apresenta estatuto de clítico e, portanto, necessita de um hospedeiro, no caso, a interjeição. Observamos, portanto, que a ocorrência das partículas vocativas é mais marcada do que a ocorrência dos vocativos plenos, uma vez que em posição inicial, são obrigatoriamente precedidas por uma interjeição.

A partir da descrição dos dados do português, é possível observar que não há incompatibilidade entre a posição de falante e a ocorrência do vocativo com função de destinatário. Não obstante, há incompatibilidade de ocorrência de interjeição em posição imediatamente à esquerda do vocativo com função de destinatário, como exemplificado de (16) a (18).

Para ser interpretado como chamamento, o vocativo deve ser o primeiro constituinte da oração, podendo ser precedido apenas por uma interjeição. Por outro lado, para a ocorrência de um vocativo

¹⁴ Como pontuado na seção 2, não forneceremos detalhes sobre a área de falante, já que este não é um dos objetivos deste artigo.

destinatário, deve haver o movimento de constituinte(s) para a categoria discursiva sahP, tratando-se de uma partícula vocativa ou de um XP, constituintes que são alvos de concordância (*Agree*) com os traços [atenção] e [ênfase], respectivamente, pertencentes ao núcleo de sahP.

Observe-se, ainda, que o único constituinte que pode preceder a partícula “pá”, em posição inicial, ou um vocativo, também situado em primeira posição, é uma interjeição que atua como marcador pragmático de chamamento, como em:

(42) Olá, Maria, como estás?

A intenção do falante ao utilizar a interjeição “olá” é a de chamar a atenção do ouvinte, contatá-lo; portanto, o traço que atua na projeção de falante é o traço [atenção]. Já na configuração em (36), com o uso da interjeição “nossa”, pretende-se expressar um ponto de vista. Nesse caso, o traço que atua na projeção de falante é [evidencialidade].

Observamos, assim, que diferentes traços atuam na projeção de falante e, conseqüentemente, tem-se diferentes tipos de interjeições: (i) as interjeições propriamente ditas, que são aquelas que indicam um “estado mental” do falante de surpresa, de indignação, de

espanto, entre outros, e que geralmente ocorrem em frases avaliativas como na representação em (36) e (ii) aquelas que compartilham com o vocativo a função de chamar a atenção, a função de contatar o interlocutor, tratando-se de marcadores de chamamento, como é o caso em (42).

4 Considerações finais

Na interface entre a pragmática e a sintaxe, é possível distinguir dois tipos de vocativos: os chamamentos e os destinatários. Os chamamentos podem ser precedidos somente por uma interjeição, enquanto os destinatários podem ser precedidos por um XP movido para o especificador da categoria discursiva existente na área de ouvinte (sahP) ou por uma partícula vocativa movida para o núcleo desta mesma categoria.

A investigação do comportamento das interjeições trouxe-nos pistas de que a distinção entre dois tipos de vocativos é válida para o português. Verificamos que podem preceder os vocativos iniciais, que desempenham função de chamamento e não precedem os vocativos finais, que desempenham função de destinatário.

A observação de que a partícula “pá apresenta a mesma distribuição do vocativo na oração possibilitou-nos certificar a posição dos chamamentos à esquerda dos destinatários na estrutura sintática. Uma vez que se trata de um item reduzido, a ocorrência dessa partícula é mais marcada do que a ocorrência dos vocativos plenos. Como pontuado anteriormente, o fato de a partícula ser precedida obrigatoriamente por uma interjeição, quando em posição inicial, corrobora com a nossa hipótese de que há uma tipologia de vocativos.

É de se esperar que o vocativo em posição inicial, aquele que

exerce função de chamamento, seja pronunciado com mais ênfase. Ao que parece, as interjeições são os únicos constituintes que podem preceder vocativos que exercem função de chamamento. O emprego da interjeição à esquerda de um chamamento propicia ainda mais relevo a este. Ressalte-se que a análise realizada por Magalhães; Moreira (2017) contribui no sentido de evidenciar que a estrutura prosódica do vocativo pode ser influenciada pela estrutura sintática. Assim, o estudo do vocativo centra-se na interface sintaxe-pragmática, não deixando escapar a interface com a prosódia, sendo que há um lugar também para outras interfaces, quais sejam sintaxe-semântica e sintaxe-discurso. Trata-se, portanto, de um fenômeno de interface por excelência.

Nesse estudo, tentamos oferecer um contributo para o estudo das interjeições. Não obstante, levamos em conta que há muito o que desvendar, ainda, sobre o vocativo, sobre a área de ouvinte. A área de falante é um território ainda mais desconhecido; portanto, para um melhor entendimento desta, é necessária, ainda, muita investigação.

Referências

- ABALADA, S., CABARRÃO, V.; CARDOSO, A. O vocativo em Português Europeu: estudo de parâmetros prosódicos em vocativos em diferentes distribuições. In: FIÉIS, A; COUTINHO, A. **Textos Seleccionados: XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, 2011, p. 1-16.
- AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. Evidentials and Areal Typology: a Case Study from Amazonia. **Language Sciences**, Amsterdam, v. 10, n. 1, p. 241-257, 1998.

BRINTON, L. **Pragmatic markers in English**: Grammaticalization and Discourse Functions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

CARVALHO, A. S. A. de. An overview of vocatives in European Portuguese. **Linguística Atlântica**, v. 32, p. 52-58, 2013.

CHOMSKY, N. **Rules and Representations**. New York: Columbia University Press, 1980.

CHAFE, W; NICHOLS, J. **Evidentiality**: the linguistic coding of epistemology. New York: Ablex, 1986.

EPPS, P. Areal Diffusion and the Development of Evidentiality: evidence from Hup. **Studies in Language**, Amsterdam, v. 29, n. 3, p. 617-650, 2005.

HILL, V. Vocatives and the pragmatics-syntax interface. **Lingua**, v. 117, n. 12, p. 2077-2105, 2007.

HILL, V. **Vocatives**: How syntax meets with pragmatics. Leiden/Boston: Brill, 2014.

LARSON, R. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 3, p. 335-391, jul./set. 1988.

MAGALHÃES, J.O. de; MOREIRA, J. C. Mecanismos prosódicos do vocativo e indicação de foco na escrita. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n. 4 esp., p. 30-45, 2017.

MARQUES, M. L. B. e M. **Os bordões do português falado contemporâneo**: Análise de dois exemplos: “não é” e “pá”. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1993.

MOREIRA, J. C. **O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX**: um estudo de mudança linguística. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____. **O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no Português**

Brasileiro. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

_____; ALKMIM, M.G.R. de. Preenchedores de vocativos em peças teatrais. In: RAMOS, J. M.; COELHO, S. M. **Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais.** Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 73-89.

MORO, A. Notes on vocative case: a case structure in clause structure. In: QUER, J. *et al.* (eds.), **Romance Languages and Linguistic Theory 2001.** Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 247-261.

OSENOVA, P. N.; SIMOV, K. I. Bulgarian Vocative within HPSG framework. In: Kim, J. B; WECHSLER, S. **Proceedings of the 9th international Conference on Head-driven Phrase Structure Grammar.** Kyung Hee University, Seoul, p. 94-100.

RAMOS, J. M. Interjeições e gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora! no dialeto mineiro. In: VITRAL, L. T.; COELHO, S. M. (orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações.** Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 121-136.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.) **Elements of grammar.** Dordrecht: Kluwer, 1997, p. 282-337.

_____. On the Form of chains: Criterial Positions and ECP Effects. Ms. Universidade de Siena, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247039710_On_the_form_of_chains_criterial_positions_and_ECP_effects. Acesso: 4 jan. 2018.

SPEAS, M; TENNY, C. Configurational properties of point of view roles. In: DI SCIULLO, A. M. **Asymmetry in grammar.** Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 315-344.

Artigo recebido em 15/08/2017

Aceito em 27/03/2018